

## **PROGRAMA PASTORAL PARA O ANO 2010-2011**

# *Vivemos da Palavra*

Completamos no ano pastoral 2010-2011 o triénio que, em programação diocesana, resolvemos dedicar à Palavra. Começámos por ser “encontrados pela Palavra”; depois, “acolhemos a Palavra”; agora, queremos “viver da Palavra”.

Reconhecemos, antes de mais, a pertinência da exortação contida na Carta de Tiago: “[ ] *tendes de a pôr em prática e não apenas ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos. Porque, quem se contenta em ouvir a palavra, sem a pôr em prática, assemelha-se a alguém que contempla a sua fisionomia num espelho; mal acaba de se contemplar, sai dali e esquece-se de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera – não como quem a ouve e logo se esquece, mas como quem a cumpre – esse encontrará a felicidade ao pô-la em prática*” (Tg 1, 22-25).

Relembramos igualmente quanto escrevia D. Jorge Ortiga no início desta nossa caminhada trienal: “«Vivemos da Palavra», síntese duma caminhada iniciada no encontro que converteu para acolher na integridade e viver em todos os momentos. A vida será sempre anúncio e deverá conduzir a uma maior responsabilidade no repensar a maneira de comunicar a Palavra na actualidade. [ ] O mundo mudou e o anúncio deve ser diferente para chegar a ambientes que abandonaram o pensar cristão, que o ignoram ou desconsideraram. O anúncio adquire, deste modo, um rosto missionário que situamos no interior da comunidade crente e que alargamos a franjas que necessitam dum encontro com Cristo. Tomados pela Palavra não podemos permitir que a fé se encerre no privado ou nos espaços estritamente eclesiais. O mundo é o nosso horizonte e teremos de partir para um encontro de diálogo com tudo e com todos”.

Procurando recolher o fruto da caminhada de dois anos, queremos prosseguir a tarefa de “Tomar conta da Palavra que toma conta de nós”. Para isso, propomos, para este ano pastoral, um Programa Pastoral que orientará a Arquidiocese para um objectivo geral, o qual se desdobra em objectivos específicos.

### **OBJECTIVO GERAL: Viver d(a) Palavra em tudo.**

#### **1. CONHECER A PALAVRA**

#### **Sensibilizar os cristãos para a necessidade de estudar e conhecer bem a Bíblia, facilitando o encontro com a Palavra de Deus.**

A Palavra de Deus, como alma da vida da Igreja, tem vindo a ser redescoberta pela comunidade dos fiéis. Importa, por isso, dar ainda um maior alento à proposta da Palavra de Deus como alimento da vida cristã.

Para que tal aconteça, propõe-se, na sequência da *Mensagem ao Povo de Deus*, saída do último Sínodo sobre a Palavra de Deus,

que, “juntamente com a Liturgia das Horas e as celebrações comunitárias da Palavra, se introduza ou intensifique a prática da *Lectio Divina*, leitura orante no Espírito Santo, capaz de abrir ao crente o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra Divina viva. A *Lectio Divina* abre com a leitura (*lectio*) do texto, que provoca uma pergunta relativa ao conhecimento autêntico do seu conteúdo real: que diz o texto bíblico em si? Segue-se a meditação (*meditatio*), na qual a pergunta é: o que nos diz o texto bíblico? Desta forma, chega-se à oração (*oratio*), que supõe outra pergunta: que dizemos nós ao Senhor, em resposta à sua Palavra? E conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar para julgar a realidade e perguntamos: que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?

Diante do leitor orante da Palavra de Deus ergue-se, como ideal, o perfil de Maria, a mãe do Senhor, que «guarda todas estas coisas, meditando-as no seu coração» (Lc 2, 19; cf. 2, 51), isto é – como diz o texto original grego – encontrando o nó profundo que une os acontecimentos, os actos e as coisas, aparentemente desunidos, no grande desígnio de Deus. Ou também pode apresentar-se aos olhos do crente que lê a Bíblia a atitude de Maria, irmã de Marta, sentada aos pés do Senhor na escuta da sua Palavra, impedindo que as agitações exteriores absorvam totalmente a alma, ocupando também o espaço livre para «a melhor parte» que não nos deve ser tirada (cf. Lc 10, 38-42)” (*Mensagem*, 9).

Esta vida que brota da escuta orante da Palavra terá muita dificuldade em emergir se, a seu tempo, não existirem propostas concretas, nas diversas comunidades, que capacitem os fiéis para manusearem a Sagrada Escritura com os devidos frutos espirituais.

### *Desafios*

» Criar um grupo de *Lectio Divina* e promover momentos de oração segundo este método.

» Organizar cursos bíblicos, grupos de estudo do Evangelho, escolas bíblicas (com uma maior preocupação de sistematicidade e de permanência), semanas e jornadas bíblicas, exposições bíblicas itinerantes.

» Aproveitar o boletim paroquial para criar uma secção de “formação” e aí introduzir a comunidade nos conteúdos e particularidades de cada uma das partes da Escritura, bem como a sua relação com a totalidade da vida da Igreja.

» Dar prioridade à Palavra de Deus em todos os retiros espirituais, colecções e jornadas de oração que se realizem.

### *Sites*

[www.capuchinos.org/biblia](http://www.capuchinos.org/biblia) |

[www.sociedade-biblica.pt](http://www.sociedade-biblica.pt) |

[www.boanova.pt](http://www.boanova.pt)

**Dar importância prioritária à Palavra de Deus em todos os processos catequéticos, ajudando a fixar relatos e textos breves e facilitando até a sua memorização, sempre com a finalidade de convertê-los em celebração e em vida.**

Os ministérios da Palavra são elementos fundamentais da evangelização. Não haverá nunca verdadeira evangelização se o

nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados. Mesmo aqueles que já são discípulos de Cristo têm necessidade de serem alimentados constantemente com a Palavra de Deus para crescerem na sua vida cristã (cf. DGC 50).

Não será de esperar que o catequizando se deixe transformar pela Palavra de Deus quando o catequista não se compreende como um crente que tem um contacto aprofundado com a Sagrada Escritura, lida não somente na Igreja, mas com a Igreja e na sua fé sempre viva. Este contacto ajuda a descobrir a verdade divina, de modo a suscitar a permanente resposta de fé.

Convém, ainda, recordar que o *Directório Geral da Catequese* alerta para o facto de que “o ministério da Palavra compreende também uma dimensão litúrgica, uma vez que, quando ele se realiza no âmbito de uma acção sagrada, é parte integrante da mesma. Exprime-se de maneira eminente através da homilia. As intervenções e as exortações durante as celebrações da Palavra são outras formas. É preciso também fazer referência à preparação imediata para os diversos sacramentos, às celebrações sacramentais e, sobretudo, à participação dos fiéis na Eucaristia, como forma fundamental da educação da fé” (DGC 51).

O Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus diz expressamente que a catequese “está destinada a aprofundar no cristão «o mistério de Cristo à luz da Palavra, para que o homem todo seja por ela impregnado» (CT 20)” (*Mensagem*, 7).

Por outro lado, quem é chamado a anunciar a Palavra de Deus é, antes de mais, ouvinte dessa Palavra. É preciso educar para a escuta permanente da Palavra de Deus, começando pelo ambiente familiar, sem exclusão de outros ambientes, para oferecer ocasiões, situações e experiências de escuta. Em cada época da vida e em cada idade há necessidade de uma nova escuta da Palavra de Deus para fundar a fé e anunciá-la. Quem anuncia parte da escuta e transmite a Palavra como fruto dessa escuta. Torna-a presente e testemunha-a com a vida, com gestos e palavras eficazes. Comunica-a e transmite-a por osmose a todas as pessoas, partindo das suas questões vitais. O conteúdo do anúncio é sempre e só Jesus Cristo que revela e torna presente o amor de Deus.

### *Desafios*

» Sensibilizar os catequistas para que iniciem e terminem sempre as sessões de catequese com uma frase bíblica.

» Escutar juntos a Palavra de Deus em família, para que os pais a tornem acessível e inteligível aos filhos em qualquer circunstância, explicando-a, comentando-a e fazendo oração com eles e, desta forma, preparando até a participação na Eucaristia dominical.

### *Sites*

[www.wholecommunitycatechesis.com](http://www.wholecommunitycatechesis.com) |  
[http://your.harcourtreligion.com/lifelong\\_catechesis/](http://your.harcourtreligion.com/lifelong_catechesis/) |  
[www.sadlierreligion.com/webelieve/](http://www.sadlierreligion.com/webelieve/)

### *Livros*

ALUNOS FINALISTAS DE TEOLOGIA, *Sabores de Deus. 101 orações de mesa*, Lisboa, 2008/09.

**Promover experiências de primeiro anúncio do Evangelho àqueles que não frequentam a Igreja e oferecer-lhes itinerários de iniciação cristã que lhes facilitem um encontro pessoal com Jesus Cristo e, desta maneira, possam descobrir uma nova orientação para a sua vida.**

“O ícone missionário por excelência é a figura do Bom Pastor, transparência do amor de Deus, que não abandona ninguém, mas vai à procura de todos e de cada um com paixão. O Bom Pastor cuida das ovelhas que estão perto, mas dedica-se igualmente a procurar, encontrar e chamar as que estão longe ou andam perdidas. Tendo presente esta imagem do Bom Pastor, não podemos contentar-nos com ficar à espera e cuidar dos que vêm ter connosco. Deus tomou a iniciativa da nossa salvação, amando-nos primeiro.

Deste modo, imitando o Bom Pastor, que foi à procura da ovelha perdida, uma comunidade evangelizadora sente-se continuamente obrigada a expandir a sua presença missionária em todo o território confiado ao seu cuidado pastoral e também na missão orientada para outros povos. É este «estilo do Senhor Jesus», Bom Pastor, que nos ama descendo ao nosso nível, dedicando a cada um a atenção toda (Mt 18,5.6.10.14; 25,40.45), sem qualquer preocupação estatística, e dando prioridade à ovelha perdida (Mt 9,36; 10,6; 15,24; 18,12; Lc 15,4), que deve impregnar e moldar o rosto da Igreja, da paróquia e de cada cristão (CEP, «*Como Eu vos fiz, fazei vós também*»). Para um rosto missionário da Igreja em Portugal, 6). Logo, em bom rigor, a etapa pastoral do primeiro anúncio parte do coração do Bom Pastor e destina-se àqueles que não são cristãos e, por isso, não frequentam os espaços específicos da comunidade eclesial. “Já não são os campanários das igrejas que marcam o ritmo da vida das pessoas” (CEP, «*Como Eu vos fiz, fazei vós também*»). Para um rosto missionário da Igreja em Portugal, 3). Há, assim, novos espaços vitais e novas linguagens para o homem e mulher contemporâneos. A Igreja tem, também para eles, uma palavra eloquente através do exercício da caridade, um testemunho vivo na promoção de novas formas de arte, cultura e lazer, uma solidariedade na luta por uma renovada justiça social e nas demais obras em favor da sociedade em geral, que mais não são do que a expressão do amor de Deus por cada ser humano.

A Igreja que está em Braga renova ainda o seu compromisso secular para com as pessoas e os espaços em que a fragilidade é sentida como uma provocação ao ser humano. Nesse sentido, exprimimos o nosso reconhecimento por todos aqueles que no campo da saúde e da doença, mesmo distantes de uma prática eclesial, levam a cabo o serviço autêntico à pessoa na hospitalidade, na dedicação generosa e competente, na proximidade calorosa, na sensibilidade atenta e na presença humilde e gratuita. “Cruzamento de toda a humanidade, o mundo da saúde e do sofrimento é essencialmente terra do Evangelho” (Conf. Episcopal Italiana). Por isso, exortamos as comunidades a lutarem contra todas as formas de sofrimento evitável, a promoverem estilos de vida saudáveis, a aprofundarem o respeito pela vida e a acolherem os mais frágeis não só como apelo social de solidariedade humana mas sobretudo como exigência e anúncio eloquente do Evangelho da Vida.

Olhando o tema pastoral – viver da palavra – e a nossa realidade, não podemos ignorar que, no nosso contexto eclesial, por ocasião das grandes festas litúrgicas, da celebração do matrimónio e funerais, bem como nas festas das diversas comunidades e nas romarias, há uma afluência de pessoas que mesmo tendo feito, em tempos, o percurso da iniciação cristã, hoje, por diversas razões, estão alheios a essa opção, precisando de um reiniciar à fé. É, pois, de investir de forma especial nestes momentos, procurando cuidar bem da sua realização, da sua beleza e da mensagem evangélica a propor nestas ocasiões.

### *Desafios*

» Identificar nas paróquias colaboradores, numa vasta rede de ministérios em verdadeira comunhão, para que, a partir de Cristo, com Cristo e como Cristo, possam partir em missão, de um modo personalizado, para o coração de cada irmão.

» Criar Grupos Missionários Paroquiais (GMP), laboratórios missionários, células paroquiais de evangelização, que, em consonância com as Obras Missionárias Pontifícias e os Centros de animação missionária dos Institutos Missionários, possam fazer com que a missão universal ganhe corpo em todos os âmbitos da pastoral e da vida cristã.

» Sensibilizar a comunidade paroquial para os momentos de dor e sofrimento, através de gestos e iniciativas capazes de manifestar a presença de Deus-Amor junto de quem sofre.

» Suscitar, nas unidades hospitalares ou serviços de saúde, células de proximidade cristã que agem para além de sinais de pertença à Igreja Católica. É o amor gratuito como Palavra eloquente.

### *Livros*

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, Fátima, 2010.

### *Sites*

[www.catholicscomehome.org](http://www.catholicscomehome.org) |

[www.humanizar.es](http://www.humanizar.es) |

[www.pupsaude.com](http://www.pupsaude.com) | [www.fecongld.org](http://www.fecongld.org)

Difundir a Palavra de Deus utilizando todos os meios necessários para isso, desde a relação pessoal até à utilização das novas tecnologias.

Uma das características hodiernas é a comumente chamada “era da informação”, pois os meios de comunicação social configuram, de facto, o pensamento e a acção das sociedades. Há uns tempos pensava-se que estar no mundo dos *media*, entendendo-os como comunicação de massas – os *mass media* –, era possuir e utilizar as comunicações de grande difusão. Aqui poucos comunicadores podiam chegar a um grande número de receptores, com uma mensagem bem delineada e clara. Actualmente, graças à televisão por cabo, à rádio que se ouve *à la carte*, graças ao *podcasting*, e às ferramentas da Web 2.0, que permitem a cada cibernauta produzir e difundir aquilo que quiser, de forma rápida, gratuita e muito eficaz, estamos no tempo, não já dos *mass media*, mas sim dos *cross media*.

Os cristãos também aqui são chamados a estar com o seu modo e estilo específicos de estar na vida, com verdade, ética, sentido de missão, para, no seguimento de S. Paulo, “levarem a todos os homens, a propósito e a despropósito”, a Boa Nova do Reino.

É o próprio Papa Bento XVI que o tem vindo a solicitar nas diversas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Ainda no ano passado, dizia: “Quero concluir esta mensagem dirigindo-me especialmente aos *juvens católicos*, para os exortar a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé. Caríssimos, senti-vos comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vossa vida. Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus

discípulos levaram a Boa Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização. A vós, jovens, que vos encontrais quase espontaneamente em sintonia com estes novos meios de comunicação, compete de modo particular a tarefa da evangelização deste «continente digital». Sabei assumir com entusiasmo o anúncio do Evangelho aos vossos coetâneos! Conheceis os seus medos e as suas esperanças, os seus entusiasmos e as suas desilusões: o dom mais precioso que lhes podeis oferecer é partilhar com eles a «boa nova» de um Deus que Se fez homem, sofreu, morreu e ressuscitou para salvar a humanidade” (Bento XVI, *Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 24 de Maio de 2009).

O recurso aos novos meios de comunicação nunca poderá dispensar um contacto pessoal, espontâneo ou organizado, que deverá significar uma profunda atitude de acolhimento. Quando este acontece, a Palavra está a ser vivida ao jeito de Cristo, que se identificou com a natureza humana.

### *Desafios*

» Recorrer a todos os meios tecnológicos sem receios.

» Aproveitar a estrutura do *site* da Arquidiocese de Braga para criar um site da paróquia.

» Envolver os mais jovens num processo de informatização das paróquias.

### *Sites*

[www.passo-a-rezar.net](http://www.passo-a-rezar.net) | [www.acaminho.net](http://www.acaminho.net) |

[www.evangelhoquotidiano.org](http://www.evangelhoquotidiano.org)

[www.sacredspace.ie](http://www.sacredspace.ie) | [www.taize.fr](http://www.taize.fr) |

[www.mesadepalavras.wordpress.com](http://www.mesadepalavras.wordpress.com)

## **2. CELEBRAR A PALAVRA**

### **2.1. Procurar que os conteúdos da oração sejam as palavras da Escritura, já que é por meio dela que respondemos a Deus com as suas próprias palavras.**

Para melhor podermos assumir a grandeza, a exigência e a beleza que a Palavra de Deus nos apresenta na celebração, na acção litúrgica como conteúdo comunicador do hoje de Deus, como responsabilidade ministerial e como sustento da oração pessoal e comunitária evocamos: o Concílio Vaticano II, particularmente a *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* (SC), a consciência reflectida e assumida no nosso Sínodo Diocesano e os pronunciamentos mais recentes do Magistério, seja do Papa João Paulo II - *Novo millenio ineunte* -, seja do Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-sinodal - *Sacramentum caritatis* -.

Evocados estes três momentos, neles ressaltamos aquilo que é dito acerca da oração ancorada na Palavra e na Liturgia das Horas. Veremos também depois quanto se nos diz acerca do ministério de leitor e da homilia.

No que diz respeito à Liturgia das Horas, sabemos que se trata da oração da Igreja, não apenas dos consagrados, religiosos ou clérigos. É bela a forma como é apresentado o Ofício divino na SC 83: “Jesus Cristo, sumo e eterno sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra

aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-se a este Cântico divino de louvor”. Destina-se a consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diurno e nocturno do tempo (SC 84). O Papa João Paulo II, no início do novo milénio, dizia-nos que “a ideia de um dia da comunidade cristã, em que se conjuguem os múltiplos compromissos pastorais e de testemunho no mundo, com a celebração eucarística e mesmo com a reza de Laudes e Vésperas, é talvez mais «pensável» do que se crê. Demonstra-o a experiência de tantos grupos cristãmente empenhados, mesmo com forte presença laical” (NMI 34).

Com a atenção centrada no ritmo das nossas comunidades, aquilo que nos diz a *Instrução Geral da Liturgia das Horas*, sobre a relação do Ofício divino com a Eucaristia, pode ser também esclarecedor: “A Liturgia das Horas alarga aos diferentes momentos do dia o louvor e acção de graças, a memória dos mistérios da salvação, as súplicas, o antegozo da glória celeste, contidos no mistério eucarístico, centro e vértice de toda a vida da comunidade cristã. A própria celebração eucarística tem na Liturgia das Horas a sua melhor preparação, porque esta suscita e nutre da melhor maneira as disposições necessárias para uma frutuosa celebração da Eucaristia, quais são a fé, a esperança, a caridade, a devoção, o espírito de sacrifício (IGLH 12).

O nosso Sínodo diocesano também apresentou a “prática do Ofício divino” logo na primeira decisão (*Livro do Sínodo*, p. 59). A oração pública e comunitária do povo de Deus é com razão considerada uma das principais funções da Igreja.

Por último, não podemos deixar de ressaltar que o Ofício divino tem como conteúdo essencial a própria Palavra de Deus, particularmente o livro dos Salmos. Mais uma vez, impõe-se ao nosso cuidado pastoral ajudar os fiéis a melhor conhecer aquele livro da Bíblia, para que dele possam retirar toda a sua riqueza como sustento para a oração e para a vida. Daí que importa colocar a Palavra no centro de todas as actividades eclesiais, nomeadamente no início ou na sua conclusão.

### *Desafios*

» Progredir na oração eclesial da Liturgia das Horas, sobretudo de Laudes e Vésperas, na catedral, nas paróquias, nas igrejas, nas reuniões de cristãos e, inclusive, na oração familiar. Uma possibilidade seria a de aproveitar os momentos antes da Eucaristia e, possivelmente, alternar com a oração do terço.

» Começar e concluir as actividades pastorais com uma leitura da Sagrada Escritura.

» Apostar na qualidade das celebrações eucarísticas, sobretudo na oração que se pode fazer a partir da Palavra proclamada, da homilia, dos prefácios e orações eucarísticas.

### *Sites*

[www.liturgia.pt/lh/ |](http://www.liturgia.pt/lh/)

<http://www.edicomail.net/netradiocatolica>

## **2.2. Preparar os leitores, salmistas e cantores para que a Palavra de Deus possa ser bem proclamada e cantada nas celebrações litúrgicas.**

A Palavra assume na celebração e na vida do fiel um lugar determinante. “Com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as

preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais” (SC 24). Nela, Deus diz-Se, diz-nos quem é! Nela, Deus diz-nos, isto é, diz quem somos a Seus olhos.

Portanto, “prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia” (SC 51). Ocupa-nos a inquietação de que a abundância da mesa da Palavra tenha um bom serviço no ministério do leitor, numa proclamação de qualidade adulta. É imperioso que se tenha grande cuidado, nas liturgias, com a proclamação da Palavra de Deus por leitores bem preparados; nunca nos esqueçamos de que, quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra que anuncia o Evangelho (*Sacramentum caritatis*, 45). Sabemos que a formação do leitor pode e deve incluir várias dimensões, desde a bíblica, a histórica, a litúrgica, a teológica e a técnica; daí a necessidade dos vários centros de formação também já apresentados como necessidade no nosso Sínodo Diocesano (*Livro do Sínodo*, p. 59).

O ministério da Palavra não se esgota, porém, no leitor. Facilmente nos apercebemos que o salmista, por exemplo, é, também ele, um ministro da Palavra. O mesmo podemos dizer dos coros, uma vez que a música litúrgica pode conter, nas suas letras, alguns excertos da Sagrada Escritura. São tudo modos de anunciar a Palavra de Deus. Assim, é importante que todos estes intervenientes se preparem convenientemente para os actos litúrgicos e que a liturgia do dia presida sempre à escolha dos cânticos. Na medida do possível, é ainda salutar que salmistas, membros do coro e maestros participem nos encontros de formação para leitores, dado que, tal como já referimos, são ministros da Palavra.

#### *Desafios*

» Organizar, nas paróquias, cursos de formação para os ministros da liturgia: leitores, acólitos, coralistas, maestros, zeladoras e sacristães.

» Leitura cuidada da Palavra de Deus antes das celebrações, para que o essencial seja acolhido.

#### *Livros*

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *O Livro do acólito*, Fátima.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *O Livro do leitor*, Fátima.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *Liturgia das Horas para Canto I e II*, Fátima.

#### *Sites*

<http://www.liturgia.pt> | <http://www.leiria-fatima.pt>

### **2.3. Preparar devidamente a homilia, tarefa importante do ministério dos pastores da Igreja.**

A homilia, que é exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado, é parte da própria liturgia; não se deve omitir nas missas dos domingos e festas de preceito (SC 52). A sua função é favorecer uma compreensão e eficácia mais ampla da Palavra de Deus na vida dos fiéis; “que ela coloque a Palavra de Deus proclamada em estreita relação com a celebração sacramental e com a vida da comunidade, de tal modo que a Palavra de Deus seja realmente apoio e vida da Igreja” (*Sacramentum Caritatis* 46).

### *Desafios*

» Suscitar momentos para a preparação das homilias através de grupos constituídos por sacerdotes e cristãos empenhados.

### *Sites*

[www.dehonianos.org](http://www.dehonianos.org) | [www.ecclesia.pt](http://www.ecclesia.pt) |  
[www.mesadepalavras.wordpress.com](http://www.mesadepalavras.wordpress.com)

## **2.4. A celebração dominical na ausência do Presbítero**

Vão surgindo algumas situações nas quais não é possível a celebração da Eucaristia dominical. Deve-se certamente à falta de presbíteros, mas também à enorme quantidade de lugares de culto e à sua dispersão geográfica. É importante conhecer o documento publicado pela Congregação do Culto Divino, em 1988, o *Directório para as Celebrações Dominicais na ausência do Presbítero*. É fundamental que “se evite com cuidado qualquer confusão entre as reuniões deste género e a celebração eucarística” (n.º 22); os párocos e outros responsáveis pastorais devem perguntar-se, com clareza e sinceridade, se, naquele local, estas celebrações são efectivamente necessárias (n.º 18); tenha-se sempre em conta que elas exigem uma preparação cuidada: de quem as dirige e da assembleia a que se destinam (n.º 26). De seguida, o *Directório* propõe o esquema básico da celebração, com indicações úteis sobre as partes que o compõem e o modo como se deve realizar cada uma delas (n.º 41). A eventual preparação de leigos deve partir do estudo e reflexão sobre este *Directório*.

“Nos casos em que se torne praticamente impossível, devido à grande distância, a participação na Eucaristia dominical, é importante que as comunidades cristãs se reúnam igualmente para louvar o Senhor e fazer memória do dia a Ele dedicado. Mas, isso deverá verificar-se a partir duma conveniente instrução sobre a diferença entre a Santa Missa e as assembleias dominicais à espera de sacerdote” (*Sacramentum Caritatis*, 75).

### *Desafios*

» Continuar a insistir na preparação de leigos que possam assumir este ministério. Para isso, sugerimos, no final deste documento, algumas propostas de formação promovidas pela Faculdade de Teologia – Braga.

» Preparar as comunidades, em momentos oportunos, para esta realidade que não é longínqua.

## **3. VIVER A PALAVRA**

### **3.1. Viver da Palavra é viver no amor para além das paredes do Templo.**

Alimentados pela Palavra que nos faz viver e nos constitui comunidade somos conduzidos à responsabilidade de uma vida evangélica nos ambientes de trabalho e a uma redescoberta da força do amor ao próximo.

Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, salienta bem algumas áreas sensíveis: “O campo próprio da sua [leigos]

actividade evangelizadora é o mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, mas também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos *mass media*, e ainda outras realidades abertas à evangelização, como são o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento” (PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 70; ver também, no mesmo espírito, CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, 174 e 210). E Bento XVI lembrou aos Bispos portugueses que “os tempos em que vivemos exigem um novo vigor missionário dos cristãos, chamados a formar um laicado maduro, identificado com a Igreja e solidário com a complexa transformação do mundo”, e insistiu em que “há necessidade de verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, sobretudo nos meios humanos onde o silêncio da fé é mais amplo e profundo”, e salientou, a propósito, os meios “políticos, intelectuais e dos profissionais da comunicação”.

De acordo com o pensamento de João Paulo II, a Palavra deve sair dos espaços estritamente eclesiais: “Partindo da comunhão dentro da Igreja, a caridade abre-se, por sua natureza, ao serviço universal, frutificando no compromisso dum amor activo e concreto por cada ser humano. Este âmbito qualifica de modo igualmente decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral. [ ] No nosso tempo, de facto, são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã. [ ] Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se? E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos económicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social.

O cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova «fantasia da caridade», que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna. Por isso, devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como «em sua casa» (*Novo Millennio Ineunte*, 49-50).

“Com profunda gratidão a Deus, deve-se registar que a caridade operativa nunca faltou na Igreja, verificando-se até um variado e reconfortante incremento hoje. A propósito, merece especial menção o *fenómeno do voluntariado* que a Igreja favorece e promove apelando à colaboração de todos para sustentá-lo e encorajá-lo nas suas iniciativas. Para superar a mentalidade individualista hoje difundida, requer-se um concreto empenho de solidariedade e caridade que tem início no seio da família com o apoio mútuo dos esposos, e depois com os cuidados que uma geração presta à outra. Assim, a família qualifica-se como comunidade de trabalho e de solidariedade” (*Centesimus Annus*, 49).

### *Desafios*

» Procurar que em cada paróquia ou unidade pastoral exista um grupo de acção sócio-caritativa e que este conheça a realidade social em que está inserido, dando, assim, uma resposta adequada.

» Revitalizar os grupos das Conferências Vicentinas que, de um modo voluntário, são um rosto eloquente da actividade caritativa da Igreja.

» Sensibilizar os grupos de jovens para a necessidade da “promoção” do outro, envolvendo-os em actividades caritativas e prolongadas no ano.

» Diversificar os modos de anúncio, para descobrir uma renovada presença da Igreja no mundo, e assim a Palavra ecoe nos espaços vitais das pessoas.

### *Sites*

[www.caritas.pt/braga](http://www.caritas.pt/braga) |

<http://www.ssvp-portugal.org>

## **3.2. Permitir familiarizar-se com a Bíblia nas suas várias dimensões e variedade, através de uma leitura contínua e numa fidelidade quotidiana.**

Esta aproximação à Bíblia poderá dar-se por iniciativa pessoal, ou então, porventura o modo mais desejável, em leitura comunitária, em família, em grupo de reflexão, em reuniões subsequentes de grupos de espiritualidade ou de movimentos apostólicos.

### *Desafios*

» Elaborar um calendário que permita a leitura da Sagrada Escritura em dois ou três anos.

» Implementar a dinâmica “A Bíblia em nossa casa” que já tem percorrido várias paróquias da Arquidiocese de Braga.

» Incentivar as crianças a rezar através dos diversos textos e géneros literários da Sagrada Escritura, incentivando a criatividade e assimilação dos textos bíblicos através de outras linguagens como o desenho, a expressão plástica, o teatro, a música.

## **3.3. Criar espaços onde, através do mundo da arte e da cultura, a Palavra de Deus possa dialogar segundo as exigências dos tempos modernos.**

Não é novo dizermos que a sociedade mudou, como também não o é referirmos que são muitos os desafios que as instituições têm pela frente para se adaptarem e responderem, com linguagem adequada, aos tempos modernos. Num ambiente muitas vezes envolto pelo relativismo, os cristãos, conscientes da Verdade, mas com respeito pelas outras verdades, “devem entrar em diálogo com o mundo em que vivem” (Papa Paulo VI, Enc. *Ecclesiam suam*, 67).

Isto é, para que a mensagem cristã seja recebida, é essencial que a Igreja dialogue com o mundo tal como ele é. Através do diálogo, podem abrir-se novas fronteiras, novas esperanças e interrogações, momentos, estes, propícios para uma síntese renovada entre fé e cultura.

Posto isto, “a Igreja está plenamente consciente da urgência pastoral de ver reservada à cultura uma atenção muito especial” (JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, 44). Neste contexto, torna-se uma exigência dos tempos modernos que a Igreja e as suas comunidades estejam atentas às várias expressões culturais, sejam elas a música, a expressão poética ou literária, o teatro, etc., oferecendo, sempre que possível, a oportunidade de um encontro com Jesus Cristo.

De forma a estabelecer relações com o mundo da cultura, da arte e da ciência, sugerimos que cada comunidade, além de se preocupar desde logo pelo anúncio do Evangelho a todos os que não o conhecem, crie dinamismos aonde se torne possível a *Vivência da Palavra*, seja através da criação de uma comissão ou laboratório para a cultura, aonde se preparem conferências, tertúlias, exposições, etc., seja pela promoção de um diálogo capaz de renovar as mentalidades e dar lugar a novas relações entre fé e razão, através de debates sobre as grandes questões que afectam o homem, a sociedade, a ciência, a economia, etc., seja promovendo iniciativas inter-arciprestais ou inter-paroquiais, dando cada um a conhecer os seus talentos, conjugando sempre as expressões artísticas com os enunciados da fé.

### *Desafios*

» Ponderar a criação, tal como sugerido pelo Papa Bento XVI, de um “pátio dos gentios”. Seria um espaço multidisciplinar, aberto a crentes e não-crentes, que terá como principal preocupação um diálogo franco e aberto sobre as várias dimensões da vida humana.

» Preparar conferências, tertúlias e exposições sobre as grandes questões que afectam o homem, a sociedade, a ciência e a economia, de modo a renovar-se mentalidades e dar lugar a novas relações entre fé e razão.

### *Sites*

[www.snpcultura.org](http://www.snpcultura.org) | [www.auditoriovita.com](http://www.auditoriovita.com) |  
[www.bensculturais.com](http://www.bensculturais.com)  
[www.sdpc-porto.blogspot.com](http://www.sdpc-porto.blogspot.com) | [www.portaldacultura.gov.pt](http://www.portaldacultura.gov.pt)  
[www.cnc.pt](http://www.cnc.pt) | [www.progettoculturale.it](http://www.progettoculturale.it)

## **CONCLUSÃO**

Ao longo deste Programa Pastoral, fomos evocando diversas propostas. Algumas repetições são intencionais. Na verdade, “viver (d)a Palavra em tudo” é um caminho aberto e que nos desafia permanentemente.

Concluimos com um texto que deve ser paradigmático. É uma síntese que pode suscitar novidades na pastoral e na vida dos cristãos.

Na nossa memória está ainda a mensagem que o Papa Bento XVI nos deixou, celebrando no Porto, a 14 de Maio de 2010. Diziamos o Santo Padre, referindo-se especificamente à leitura orante no seio da Eucaristia: “O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de

cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida. Para isso, em cada celebração eucarística, ouviremos mais atentamente a Palavra de Cristo e saborearemos assiduamente o Pão da sua presença. Isto fará de nós testemunhas e, mais ainda, portadores de Jesus ressuscitado no mundo, levando-O para os diversos sectores da sociedade e quantos neles vivem e trabalham, irradiando aquela «vida em abundância» (Jo, 10, 10) que Ele nos ganhou com a sua cruz e ressurreição e que sacia os mais legítimos anseios do coração humano”.

### *Desafios*

» Aproveitar os tempos fortes para se fazerem propostas de oração breve que motive o diálogo com Deus, a partir da mensagem do texto evangélico.

» Abrir perspectivas através da leitura da *Mensagem ao Povo de Deus do Sínodo dos Bispos*. A sua leitura ajudará na elaboração dos programas dos arceparquias, paróquias e movimentos. Depois de um estudo de toda a Mensagem, sugerimos que ela regresse às actividades pastorais e às leituras pessoais do seguinte modo:

### *TEMPOS LITÚRGICOS*

Advento: a *Voz da Palavra* – a revelação

Natal: o *Rosto da Palavra* – Jesus Cristo

Quaresma: a *Casa da Palavra* – a Igreja

Páscoa e Tempo Comum: os *Caminhos da Palavra* – a missão

## **SUGESTÃO DE SITES**

### **Arquidiocese de Braga**

[www.diocese-braga.pt](http://www.diocese-braga.pt) [Site oficial]

[www.fazsentido.com.pt](http://www.fazsentido.com.pt) [Seminários e Pastoral Vocacional]

[www.caritas.pt/braga](http://www.caritas.pt/braga) [Caritas]

[www.diocese-braga.pt/cdjp](http://www.diocese-braga.pt/cdjp) [Comissão Justiça e Paz]

[www.diocese-braga.pt/catequese](http://www.diocese-braga.pt/catequese) [Departamento da Catequese]

<http://familiadebraga.com> [Departamento da Pastoral Familiar]

[www.diocese-braga.pt/pastoraljovens](http://www.diocese-braga.pt/pastoraljovens) [Departamento da Pastoral de Jovens]

[www.diocese-braga.pt/liturgia](http://www.diocese-braga.pt/liturgia) [Departamento da Liturgia]

[www.pastoral-universitaria.org](http://www.pastoral-universitaria.org) [Pastoral Universitária]

[www.diocese-braga.pt/vocacoes](http://www.diocese-braga.pt/vocacoes) [Departamento da Pastoral Vocacional]

[www.auditoriovita.com](http://www.auditoriovita.com) [Auditório Vita]

[www.paroquiasdebraga.org](http://www.paroquiasdebraga.org) [Arciprestado de Braga]

[www.paroquiasdebarcelos.org](http://www.paroquiasdebarcelos.org) [Arciprestado de Barcelos]

<http://arciprestado.no.sapo.pt> [Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim]

### **Notícias**

[www.diariodominho.pt](http://www.diariodominho.pt) [Diário do Minho]

[www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt) [Agência Ecclesia]

[www.h2onews.org](http://www.h2onews.org) [H2Onews - Serviço de Informação Católica]

[www.rr.pt](http://www.rr.pt) [Rádio Renascença]

[www.zenit.org](http://www.zenit.org) [ZENIT – O mundo visto de Roma]

[www.acidigital.com](http://www.acidigital.com) [acidigital - O que todo católico necessita saber]

[www.edicomail.net/netradiocatolica](http://www.edicomail.net/netradiocatolica) [Net Rádio Católica]

<http://www.radiovaticana.org/por/index.asp> [Rádio Vaticano - A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo]

### **Úteis**

[www.vatican.va](http://www.vatican.va) [Site oficial da Santa Sé]

[www.ecclesia.pt](http://www.ecclesia.pt) [Site oficial da Conferência Episcopal Portuguesa]

[www.ecclesia.pt/anuario](http://www.ecclesia.pt/anuario) [Anuário Católico]

[www.ecclesia.pt/catolicopedia](http://www.ecclesia.pt/catolicopedia) [Enciclopédia católica]

[www.ecclesia.pt/catecismo](http://www.ecclesia.pt/catecismo) [Catecismo católico]

[www.ecclesia.pt/sos](http://www.ecclesia.pt/sos) [SOS - Cultura católica]

### **Jovens**

<http://pjuvenil.ecclesia.pt> [Secretariado Nacional da Pastoral Juvenil]

[www.diocese-braga.pt/pastoraljovens](http://www.diocese-braga.pt/pastoraljovens) [Departamento da Pastoral de Jovens de Braga]

[www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt) [Escutismo católico]

[www.passo-a-rezar.net](http://www.passo-a-rezar.net) [Passo-a-rezar - A tua oração diária]

[www.cristojovem.com](http://www.cristojovem.com) [Cristo Jovem – Juventude que acredita]

[pt.madrid11.com](http://pt.madrid11.com) [Jornadas Mundiais da Juventude – Madrid 2011]

# Mensagem ao povo de Deus do sínodo dos bispos

Aos irmãos e irmãs “paz e amor, com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. A graça esteja com todos os que amam Nosso Senhor Jesus Cristo, com amor incorruptível.”

Com esta saudação tão intensa e apaixonada, concluía São Paulo a sua carta aos cristãos de Éfeso (6, 23-24). Com estas mesmas palavras, nós, os Padres Sinodais, reunidos em Roma para a XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sob a orientação do Santo Padre Bento XVI, começamos a nossa mensagem dirigida ao imenso horizonte de todos aqueles que, nas diversas regiões do mundo, seguem a Cristo como discípulos e continuam a amá-lo com amor incorruptível.

A eles iremos propor de novo a voz e a luz da Palavra de Deus, repetindo o antigo apelo: “Esta Palavra está muito próxima de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a ponhas em prática” (Dt 30, 14). E Deus mesmo dirá a cada um: “Filho do homem, todas as palavras que eu te digo, acolhe-as no coração e escuta-as com os ouvidos” (Ez 3, 10). A todos iremos propor agora uma viagem espiritual que se desenvolverá em quatro etapas e que, a partir da eternidade e da infinitude de Deus, nos conduzirá até às nossas casas e pelas ruas das nossas cidades.

## **A VOZ DA PALAVRA: A REVELAÇÃO**

1. “Deus falou-vos do meio do fogo: ouvíeis uma voz de palavras, mas não víeis nenhuma figura; só uma voz” (Dt 4, 12). É Moisés quem assim fala, evocando a experiência vivida por Israel na dura solidão do deserto do Sinai. O Senhor tinha-se apresentado, não como uma imagem ou uma efígie ou uma estátua semelhante ao bezerro de ouro, mas com “uma voz de palavras”. É uma voz que havia entrado em cena precisamente no início da criação, quando rompeu o silêncio do nada: “No princípio Deus disse: «Faça-se a luz». E a luz foi feita. No princípio era o Verbo e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito do que existe” (Gn 1, 1.3; Jo 1, 1.3).

A Criação não nasce de uma luta intradivina, como ensinava a antiga mitologia mesopotâmica, mas de uma palavra que vence o nada e cria o ser. Canta o Salmista: “Pela Palavra do Senhor foram criados os céus, pelo sopro da sua boca todo o seu exército porque ele falou e tudo foi feito, ele mandou e tudo existe” (Sl 33, 6.9). E São Paulo repetirá: “Deus dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4, 17). Temos, assim, uma primeira revelação “cósmica”, que faz com que a criação se assemelhe a uma imensa página aberta diante de toda a humanidade, que nela pode ler uma mensagem do Criador: “Os céus narram a glória de Deus; a obra das suas mãos, o firmamento a anuncia. O dia ao dia comunica a mensagem; e a noite à noite transmite a notícia. Sem linguagem, sem palavras, sem que se ouça a sua voz, toda a terra difunde o seu anúncio e até aos confins do mundo a sua mensagem” (Sl 19, 2-5).

2. A Palavra divina também está na raiz da história humana. O homem e a mulher, que são “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1, 27) e que por isso levam em si a marca divina, podem entrar em diálogo com o seu Criador ou podem afastar-se dele e rejeitá-lo através do pecado. Então, a Palavra de Deus salva e julga, penetra na trama da história, com o seu tecido de vicissitudes e eventos:

“Observei a aflição do meu Povo no Egito e ouvi o seu grito conheço os seus sofrimentos. Desci para o libertar do Egito e o fazer sair desta terra para uma terra bela e espaçosa - (Ex 3,7-8). Há, pois, uma presença divina nas vicissitudes humanas que, mediante a acção do Senhor na história, são inseridas num desígnio mais alto, para que “todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 4).

3. A Palavra divina, eficaz, criadora e salvífica, está portanto na origem do ser e da história, da criação e da redenção. O Senhor vem ao encontro da humanidade, proclamando: “Eu disse e fiz!” (Ez 37, 14). Há, porém, uma etapa ulterior que a voz divina percorre: é a da palavra escrita, a Graphé ou as Graphái, as Escrituras Sagradas, como se diz no Novo Testamento. Já Moisés tinha descido do cimo do Sinai, trazendo “na mão as duas tábuas do Testemunho, tábuas escritas dos dois lados, de uma parte e da outra. As tábuas eram obra de Deus, a escritura era escritura de Deus” (Ex 32, 15-16). E o mesmo Moisés irá impor a Israel que conserve e reescreva estas “tábuas do Testemunho”: “Escreverás sobre pedras as palavras desta Lei, com escritura bem clara” (Dt 27, 8).

As Sagradas Escrituras são o “testemunho” em forma escrita da Palavra divina, são o memorial canónico, histórico e literário que atesta o evento da Revelação criadora e salvífica. A Palavra de Deus precede, portanto, e excede a Bíblia, que porém é “inspirada por Deus” e contém a Palavra divina eficaz (cf. 2 Tm 3,16). É por isso que no centro da nossa fé não está apenas um livro, mas uma história de salvação e, como veremos, uma pessoa, Jesus Cristo, Palavra de Deus feita carne, homem, história. Precisamente porque o horizonte da Palavra divina abraça e se estende para além da Escritura, é necessária a constante presença do Espírito Santo que “guia para a verdade total” (Jo 16,13) quem lê a Bíblia. É esta a grande Tradição, presença eficaz do “Espírito da Verdade” na Igreja, custódia das Sagradas Escrituras, autenticamente interpretadas pelo Magistério eclesial. Com a Tradição chega-se à compreensão, à interpretação, à comunicação e ao testemunho da Palavra de Deus. O próprio São Paulo, proclamando o primeiro Credo cristão, reconhecerá que “transmite” o que ele próprio “recebeu” da Tradição (1 Cor 15, 3-5).

## **O ROSTO DA PALAVRA: JESUS CRISTO**

4. No original grego são apenas três palavras fundamentais: *Lógos*, *sarx eguéneto*, “o Verbo/Palavra fez-se carne”. Contudo, este é o ápice não apenas dessa jóia poética e teológica que é o prólogo do Evangelho de João (1,14), mas é o próprio coração da fé cristã.

A Palavra eterna e divina entra no espaço e no tempo e assume um rosto e uma identidade humana; tanto assim, que é possível aproximar-se directamente dela, pedindo, como fez aquele grupo de Gregos presente em Jerusalém: “Queremos ver Jesus” (Jo 12, 20-21). As palavras sem um rosto não são perfeitas, porque não permitem que o encontro seja completo, como recordava Job, chegado ao fim do seu dramático itinerário de busca: “Conhecia-te por ouvir dizer; agora vêem-te os meus olhos” (42, 5).

Cristo é “o Verbo que está junto de Deus e é Deus”, é “a imagem do Deus invisível, gerado antes de toda a criatura” (Cl 1, 15); mas é também Jesus de Nazaré que caminha pelas estradas de uma província marginal do império romano, que fala uma língua local, que revela os traços de um povo, o hebraico, e da sua cultura. O Jesus Cristo real é, portanto, carne frágil e mortal, é história e humanidade, mas é também glória, divindade, mistério: Aquele que nos revelou o Deus que nunca ninguém viu (cf. Jo 1, 18). O Filho de Deus continua a sê-lo, mesmo naquele cadáver depositado no sepulcro, e a ressurreição é disso o testemunho vivo e eficaz.

5. Pois bem, a tradição cristã frequentemente pôs em paralelo a Palavra divina que se faz carne com a mesma Palavra que se faz livro. É o que já emerge no Credo, quando se professa que o Filho de Deus “encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria”;

mas também se confessa a fé no mesmo “Espírito Santo que falou pelos Profetas”. O Concílio Vaticano II recolhe esta antiga tradição, segundo a qual “o corpo do Filho é a Escritura que nos foi transmitida” - como afirma Santo Ambrósio (In Lucam VI, 33) - e declara limpidamente: “As palavras de Deus, expressas em línguas humanas, tornaram-se semelhantes à linguagem dos homens, como já o Verbo do eterno Pai, tendo assumido as debilidades da natureza humana, se tornou semelhante aos homens” (DV 13). De facto, a Bíblia é também essa “carne”, “letra”, exprime-se em línguas particulares, em formas literárias e históricas, em concepções ligadas a uma cultura antiga; conserva a memória de eventos frequentemente trágicos; as suas páginas estão, não poucas vezes, manchadas de sangue e violência; no seu interior ressoa o riso da humanidade e escorrem as lágrimas, assim como se eleva a oração dos infelizes e a alegria dos enamorados. Devido a esta sua dimensão “carnal”, ela exige uma análise histórica e literária, que se realiza através dos diversos métodos e abordagens oferecidas pela exegese bíblica. Todo o leitor das Sagradas Escrituras, mesmo o mais simples, deve ter um conhecimento proporcionado do texto sagrado, lembrando-se que a Palavra está revestida de palavras concretas, às quais se ajusta e adapta, para ser audível e compreensível para a humanidade.

Este é um empenho necessário: se o excluimos, podemos cair no fundamentalismo que, na prática, nega a encarnação da Palavra divina na história, não reconhece que essa palavra se exprime na Bíblia segundo uma linguagem humana, que deve ser decifrada, estudada e compreendida, e ignora que a inspiração divina não apagou a identidade histórica e a personalidade própria dos autores humanos.

Mas a Bíblia também é Verbo eterno e divino, e é por isso que exige outra compreensão, dada pelo Espírito Santo, que desvela a dimensão transcendente da Palavra divina, presente nas palavras humanas.

6. Daí a necessidade da “Tradição viva de toda a Igreja” (DV 12) e da fé, para compreender de modo unitário e pleno as Sagradas Escrituras. Se nos detemos só na “letra”, a Bíblia reduz-se a um solene documento do passado, a um nobre testemunho ético e cultural.

Se, porém, se exclui a encarnação, pode cair-se no equívoco fundamentalista ou num vago espiritualismo ou psicologismo. O conhecimento exegético deve, pois, entrelaçar-se indissolúvelmente com a tradição espiritual e teológica, para que não se quebre a unidade divina e humana de Jesus Cristo e das Escrituras. Nesta harmonia reencontrada, o rosto de Cristo resplenderá na sua plenitude e ajudar-nos-á a descobrir uma outra unidade, aquela unidade profunda e íntima das Sagradas Escrituras, o serem 73 livros, mas inseridos num único “Cânon”, num único diálogo entre Deus e a humanidade, num único desígnio de salvação. “De facto, muitas vezes e de muitos modos, falou Deus nos tempos antigos aos nossos Pais por meio dos Profetas. Mas, nestes tempos que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1, 1-2). Cristo projecta assim retrospectivamente a sua luz sobre toda a trama da história da salvação e revela a sua coerência, o seu significado, a sua direcção.

Ele é o sinete, “o alfa e o omega” (Ap 1, 8) de um diálogo entre Deus e as suas criaturas, distribuído pelo tempo e atestado na Bíblia. É à luz deste selo final que adquirem o seu “sentido pleno” as palavras de Moisés e dos profetas, como tinha indicado o próprio Jesus naquela tarde primaveril, enquanto caminhava de Jerusalém para a aldeia de Emaús, dialogando com Cléofas e o seu amigo, “explicando-lhes em todas as Escrituras o que a Ele se referia” (Lc 24, 27).

Precisamente porque no centro da Revelação está a Palavra divina transformada em rosto, o objectivo último do conhecimento da Bíblia “não está numa decisão ética ou numa grande ideia, mas no encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, com isto, o rumo decisivo” (Deus caritas est, 1).

## A CASA DA PALAVRA: A IGREJA

Como a sabedoria divina no Antigo Testamento tinha edificado a sua habitação na cidade dos homens e das mulheres, apoiando-a em sete colunas (cf. Pr 9, 1), assim também a Palavra de Deus tem uma sua casa no Novo Testamento: é a Igreja que tem o seu modelo na comunidade-mãe de Jerusalém, a Igreja fundada sobre Pedro e os Apóstolos e que hoje, através dos bispos em comunhão com o Sucessor de Pedro, continua a ser custódia, anunciadora e intérprete da Palavra (cf. LG 13). Lucas, nos Actos dos Apóstolos (2,42), traça-lhe a arquitectura baseada em quatro colunas ideais: “Eram perseverantes no ensino dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fracção do pão e nas orações”.

7. Temos, antes de tudo, a *didakhê* apostólica, ou seja, a pregação da Palavra de Deus. De facto, o apóstolo Paulo adverte-nos de que “a fé nasce da escuta, e a escuta refere-se à palavra de Cristo (Rm 10, 17). Da Igreja sai a voz do arauto que a todos propõe o *kérygma*, ou seja, o anúncio primário e fundamental que o próprio Jesus tinha proclamado no início do seu ministério público: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: converteivos e acreditai no Evangelho” (Mc 1, 15). Os apóstolos anunciam a inauguração do Reino de Deus e, portanto, da decisiva intervenção divina na história humana, proclamando a morte e a ressurreição de Cristo: “Não há salvação em nenhum outro, pois não há, debaixo do céu, qualquer outro nome dado aos homens, no qual está estabelecido que sejamos salvos” (Act 4, 12). O cristão dá testemunho desta sua esperança “com doçura, respeito e recta consciência”, pronto, porém, para também ser envolvido e talvez arrastado pelo turbilhão da rejeição e da perseguição, consciente de que “é melhor sofrer praticando o bem do que fazendo o mal” (1 Pe 3, 16-17). Na Igreja ressoa, depois, a catequese: está destinada a aprofundar no cristão “o mistério de Cristo à luz da Palavra, para que o homem todo seja por ela impregnado” (João Paulo II, *Catechesi tradendae*, 20). Mas o vértice da pregação está na homilia que, ainda hoje, para muitos cristãos é o momento capital do encontro com a Palavra de Deus. Neste acto, o ministro deveria transformar-se também em profeta. De facto, ele deve, com uma linguagem nítida, incisiva e substancial, não só, com autoridade, “anunciar as maravilhosas obras de Deus na história da salvação”(SC 35) - anteriormente oferecidas - através de uma clara e viva leitura do texto bíblico proposto pela liturgia. Ele deve também actualizar essas obras para os tempos e os momentos vividos pelos ouvintes e suscitar nos seus corações a questão da conversão e do compromisso de vida: “Que devemos fazer?” (Act 2, 37).

Anúncio, catequese e homilia supõem, portanto, uma leitura e uma compreensão, uma explicação e uma interpretação, um envolvimento da mente e do coração. Na pregação realiza-se, deste modo, um duplo movimento. Com o primeiro, remonta-se às origens dos textos sagrados, dos acontecimentos, das palavras geradoras da história da salvação, para as compreender no seu significado e na sua mensagem. Com o segundo movimento, volta-se ao presente, ao hoje vivido por quem escuta e lê, sempre à luz de Cristo, que é o fio luminoso destinado a unir as Escrituras. Foi o que o próprio Jesus realizou - como já foi dito - no itinerário de Jerusalém a Emaús, na companhia de dois dos seus discípulos. É o que fará o diácono Filipe na estrada de Jerusalém a Gaza, ao começar, com o funcionário etíope, este diálogo emblemático: “Compreendes o que estás a ler? [ ] E como poderei eu compreender, se ninguém me orienta?” (Act 8, 30-31). E na meta será o encontro pleno com Cristo no sacramento. Assim se apresenta a segunda coluna que sustém a Igreja, a casa da Palavra divina.

8. É a fracção do pão. A cena de Emaús (cf. Lc 24, 13-35) é uma vez mais exemplar e reproduz o que acontece todos os dias nas nossas igrejas: à homilia de Jesus sobre Moisés e os profetas segue-se, à mesa, a fracção do pão eucarístico. Este é o momento do diálogo íntimo de Deus com o seu povo, é o acto da nova aliança selada com o sangue de Cristo (cf. Lc 22, 20), é a obra suprema

do Verbo que se oferece como alimento no seu corpo imolado, é a fonte e o vértice da vida e da missão da Igreja. A narração evangélica da última ceia, memorial do sacrifício de Cristo, quando é proclamada na celebração eucarística, na invocação do Espírito Santo, converte-se em acontecimento e sacramento. É por isso que o Concílio Vaticano II, numa passagem de forte intensidade, declarava: “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de alimentar-se do pão da vida, da mesa, quer da Palavra de Deus quer do Corpo de Cristo, e de o distribuir aos fiéis” (DV 21). Por isso, dever-se-á voltar a pôr no centro da vida cristã “a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, unidas tão intimamente entre si, que constituem um só acto de culto” (SC 56).

9. O terceiro pilar do edifício espiritual da Igreja, a casa da Palavra, é constituído pelas orações, entrelaçadas - como recordava São Paulo - por “salmos, hinos, cânticos espirituais” (Cl 3, 16). Um lugar privilegiado é naturalmente ocupado pela Liturgia das Horas, a oração da Igreja por excelência, destinada a ritmar os dias e os tempos do ano cristão, oferecendo, sobretudo com o Saltério, o quotidiano alimento espiritual do crente. Juntamente com a Liturgia das Horas e as celebrações comunitárias da Palavra, a tradição introduziu a prática da *Lectio divina*, leitura orante no Espírito Santo, capaz de abrir ao crente o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva.

A *Lectio Divina* abre com a leitura (*lectio*) do texto, que provoca uma pergunta relativa ao conhecimento autêntico do seu conteúdo real: que diz o texto bíblico em si? Segue-se a meditação (*meditatio*), na qual a pergunta é: que nos diz o texto bíblico a nós? Desta forma chega-se à oração (*oratio*), que supõe esta outra pergunta: que dizemos nós ao Senhor em resposta à sua Palavra? E conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar para julgar a realidade e perguntamos: que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?

Diante do leitor orante da Palavra de Deus ergue-se, como ideal, o perfil de Maria, a mãe do Senhor, que “guarda todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2, 19; cf. 2, 51), isto é - como diz o texto original grego - encontrando o nó profundo que une os acontecimentos, os actos e as coisas, aparentemente desunidos, no grande designio de Deus. Ou também pode apresentar-se aos olhos do crente que lê a Bíblia, a atitude de Maria, irmã de Marta, sentada aos pés do Senhor na escuta da sua Palavra, impedindo que as agitações exteriores absorvam totalmente a alma, ocupando também o espaço livre para “a melhor parte” que não nos deve ser tirada (cf. Lc 10, 38-42).

10. Eis-nos, finalmente, diante da última coluna que sustém a Igreja, a casa da Palavra: a koinonia, a comunhão fraterna, outro nome da agápê, isto é, do amor cristão. Como recordava Jesus, para nos tornarmos seus irmãos ou irmãs, precisamos de ser “aqueles que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8, 21). A escuta autêntica é obedecer e operar, é fazer florescer na vida a justiça e o amor, é oferecer na existência e na sociedade um testemunho na linha do apelo dos profetas, que constantemente unia Palavra de Deus e vida, fé e rectidão, culto e empenho social. Era isto que Jesus repetia várias vezes, a partir da célebre advertência no Sermão da Montanha: “Não é quem diz: «Senhor, Senhor!», que entrará no Reino dos Céus, mas quem faz a vontade do meu Pai que está nos céus” (Mt 7, 21). Nesta frase, parece ressoar a Palavra divina proposta por Isaías: “Este povo aproxima-se de mim só com palavras e invoca-me com os lábios, enquanto o seu coração está longe de mim” (29, 13). Estas advertências dizem respeito também às Igrejas, quando não são fiéis à escuta obediente da Palavra de Deus.

Esta deve, pois, ser visível e legível já no próprio rosto e nas mãos do crente, como sugeria São Gregório Magno, que via em São Bento e noutros grandes homens de Deus testemunhas da comunhão com Deus e com os irmãos, com a Palavra de Deus feita vida.

O homem justo e fiel não só “explica” as Escrituras, mas “estende-as” diante de todos como realidade viva e praticada. É por isso que viva lectio, vita bonorum: a vida dos bons é uma leitura/lição viva da Palavra divina. Já São João Crisóstomo tinha observado que os apóstolos desceram do monte da Galileia, onde tinham encontrado o Ressuscitado, sem qualquer tábua de pedra escrita, ao contrário do que havia sucedido com Moisés: a sua própria vida tornar-se-ia, desde aquele momento, o Evangelho vivo. Na casa da Palavra divina encontramos também os irmãos e as irmãs das outras Igrejas e comunidades eclesiais que, apesar das separações ainda existentes, se reencontram conosco na veneração e no amor à Palavra de Deus, princípio e fonte de uma primeira e real unidade, ainda que não plena. Este vínculo deve ser permanentemente reforçado através das traduções bíblicas comuns, a difusão do texto sagrado, a oração bíblica ecuménica, o diálogo exegético, o estudo e a comparação das diferentes interpretações das Sagradas Escrituras, o intercâmbio dos valores inerentes às diversas tradições espirituais, o anúncio e o testemunho comum da Palavra de Deus num mundo secularizado.

## **OS CAMINHOS DA PALAVRA: A MISSÃO**

“De Sião sairá a Lei e de Jerusalém a Palavra do Senhor” (Is 2, 3). A Palavra de Deus personificada “sai” da sua casa, o templo, e encaminha-se pelas estradas do mundo para encontrar a grande peregrinação que os povos da terra empreenderam em busca da verdade, da justiça e da paz. Até na moderna cidade secularizada, nas suas praças e nas suas ruas - onde parecem dominar a incredulidade e a indiferença, onde o mal parece prevalecer sobre o bem, criando a impressão da vitória de Babilónia sobre Jerusalém - até aí há, de facto, um anelo escondido, uma esperança em germen, um frémido de expectativa. Como se lê no livro do profeta Amós, “dias virão em que enviarei fome sobre a terra, não uma fome de pão nem uma sede de água, mas de escutar a Palavra do Senhor” (8, 11). É a esta fome que quer responder a missão evangelizadora da Igreja.

Também Cristo ressuscitado lança aos apóstolos, ainda hesitantes, o apelo a que saiam dos confins do seu horizonte protegido: “Ide e fazei discípulos todos os povos [...], ensinando-os a observar tudo o que eu vos mandei” (Mt 28, 19-20). Toda a Bíblia está permeada de apelos a “não calar”, a “gritar com força”, a “anunciar a Palavra oportuna e inoportuna”, a ser sentinelas que rompem o silêncio da indiferença. Os caminhos que hoje se abrem diante de nós, não são apenas aqueles pelos quais caminhavam São Paulo ou os primeiros evangelizadores e, após eles, todos os missionários que avançam ao encontro das gentes em terras longínquas.

11. A comunicação estende-se hoje por uma rede que envolve todo o globo. E adquire um novo significado o apelo de Cristo: “O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia; o que escutais ao ouvido, proclamai-o sobre os terraços” (Mt 10, 27). É certo que a Palavra sagrada deve ter uma primeira transparência e difusão através do texto impresso, com traduções que correspondam à variada multiplicidade das línguas do nosso planeta. Mas a voz da Palavra divina deve ressoar também através da rádio, das artérias informativas da Internet, dos canais de difusão virtual on line, dos CD, dos DVD, dos “ipods” (MP3), etc.; deve aparecer nos ecrãs da televisão e do cinema, na imprensa, nos eventos culturais e sociais. Esta nova forma de comunicação, em comparação com a tradicional, adoptou uma específica gramática expressiva, e, por isso, é necessário estar equipado, não apenas tecnicamente, mas também culturalmente, para esta imprensa. Num tempo dominado pela imagem, proposta particularmente por esse meio hegemónico de comunicação que é a televisão, é ainda hoje significativo e sugestivo o modelo privilegiado por Cristo. Ele recorria ao símbolo, à narrativa, ao exemplo, à experiência quotidiana, à parábola: “Falava-lhes de muitas coisas em parábolas e, fora de parábolas, nada dizia às multidões” (Mt 13, 3.34). No anúncio do Reino de Deus, Jesus jamais passava por sobre as cabeças dos seus interlocutores

com uma linguagem vaga, abstracta e etérea, mas conquistava-os, partindo justamente da terra onde assentavam os pés, para conduzi-los, do quotidiano, para a revelação do Reino dos Céus. Tornase, assim, significativa a cena evocada por João: “Alguns queriam prender Jesus, mas ninguém lhe deitou as mãos. Os guardas voltaram então para junto dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus, e estes perguntaram-lhes: «Porque não o trouxestes?» Responderam os guardas: «Nunca homem algum falou assim»” (7, 44-46).

12. Cristo avança pelas vias das nossas cidades e detém-se à soleira das nossas casas: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, irei ter com ele, cearei com ele e ele comigo” (Ap 3, 20). A família, por detrás dos muros domésticos com as suas alegrias e os seus dramas, é um espaço fundamental para nele entrar a Palavra de Deus. A Bíblia está toda ela constelada de pequenas e grandes histórias familiares, e o Salmista pinta com vivacidade o quadro sereno de um pai sentado à mesa, rodeado pela sua esposa, semelhante a uma videira fecunda, e pelos filhos, como “rebentos da oliveira” (Sl 128). Os cristãos das origens celebravam a liturgia no quotidiano de uma casa, assim como Israel confiava à família a celebração da Páscoa (cf. Ex 12, 21-27). A transmissão da Palavra de Deus é feita exactamente através das gerações, pelo que os pais se tornam os “primeiros arautos da fé” (LG 11). O Salmista lembrava ainda que “aquilo que ouvimos e aprendemos e os nossos pais nos contaram, não o escondemos aos nossos filhos; tudo contaremos às gerações futuras: as glórias do Senhor e o seu poder, as maravilhas que Ele realizou; ( ) e também eles se levantarão, para contá-las aos seus filhos” (Sl 78, 3-4.6).

Cada casa deverá, então, ter a sua Bíblia, guardá-la de modo concreto e digno, lê-la e rezar com ela; a família deverá propor formas e modelos de educação orante, catequética e didáctica, relativos ao uso das Escrituras, para que “jovens e donzelas, anciãos juntamente com crianças” (Sl 148, 12) escutem, compreendam, louvem e vivam a Palavra de Deus. Em especial, as novas gerações, as crianças e os jovens, deverão ser destinatários de uma pedagogia apropriada e específica, que os leve a experimentar o fascínio da figura de Cristo, abrindo a porta da sua inteligência e do seu coração, nomeadamente através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia da comunidade eclesial.

13. Jesus, na parábola do sementeiro, recorda-nos que existem terrenos áridos, pedregosos e sufocados pelos espinhos (cf. Mt 13, 3-7). Quem se aventura pelos caminhos do mundo descobre também os baixios, onde se aninham sofrimentos e pobreza, humilhações e opressões, marginalizações e misérias, doenças físicas e psíquicas e solidões. Com frequência, as pedras dos caminhos estão ensanguentadas por guerras e violências, nos palácios do poder a corrupção cruza-se com a injustiça. Eleva-se o grito dos perseguidos pela fidelidade à sua consciência e à sua fé. Há os que são apanhados pela crise existencial ou sentem a alma privada de um significado que dê sentido e valor ao próprio viver. Semelhantes a “sombra que passa, a um sopro que esmorece” (Sl 39, 7), muitos sentem também abater-se sobre si o silêncio de Deus, a sua aparente ausência e indiferença: “Até quando, Senhor, continuarás a esquecer-me? Até quando esconderás de mim o teu rosto?” (Sl 13, 2). E, no fim, ergue-se diante de todo o mistério da morte. Este imenso respiro de dor que sobe da terra ao céu é ininterruptamente representado pela Bíblia, que propõe precisamente uma fé histórica e encarnada. Bastaria só pensar nas páginas assinaladas pela violência e pela opressão, no grito amargo e contínuo de Job, nas veementes súplicas dos Salmos, na subtil crise interior que percorre a alma de Qohélet, nas vigorosas denúncias proféticas contra as injustiças sociais. Sem atenuantes, há depois a condenação do pecado radical que aparece com todo o seu poder devastador desde os exórdios da humanidade, num texto fundamental do livro do Génesis (c. 3). De facto, o “mistério da iniquidade” está presente e actua na história,

mas é descoberto pela Palavra de Deus que, em Cristo, assegura a vitória do bem sobre o mal. Mas, nas Escrituras, a dominar está sobretudo a figura de Cristo, que abre o seu ministério público precisamente com um anúncio de esperança para os últimos da terra: “O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me consagrou com a unção e me enviou a levar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos e a vista aos cegos, a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar o ano de graça do Senhor” (Lc 4, 18-19). As suas mãos poisam repetidamente sobre carnes doentes ou infectadas, as suas palavras proclamam a justiça, infundem coragem aos infelizes, concedem perdão aos pecadores. No fim, ele próprio se aproxima do nível mais baixo, “despojando-se a si mesmo” da sua glória, “assumindo a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens humilhando-se a si mesmo, feito obediente até à morte, e morte de cruz” (Fl 2, 7-8).

Assim, ele prova o medo de morrer (“Pai, se é possível, afasta de mim este cálice!”), experimenta a solidão com o abandono e a traição dos amigos, penetra na obscuridade da mais cruel dor física com a crucificação e, até ao extremo, nas trevas do silêncio do Pai (“meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”), e atinge o abismo último de todo o homem, o da morte (“lançando um forte grito, expirou”). Pode, verdadeiramente, aplicar-se a ele a definição que Isaías reserva para o Servo do Senhor: “homem das dores que bem conhece o sofrimento” (53, 3). E no entanto, nem nesse momento extremo, ele deixa de ser o Filho de Deus: na sua solidariedade de amor e pelo sacrifício de si mesmo, deposita, no limite e no mal da humanidade, uma semente de divindade, ou seja, um princípio de libertação e de salvação; ao fazer-nos o dom de si próprio, ilumina de redenção a dor e a morte, que ele assumiu e viveu, e abre também para nós a aurora da ressurreição. O cristão tem, então, a missão de anunciar esta palavra divina de esperança, através da sua partilha com os pobres e os que sofrem, através do testemunho da sua fé no Reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz, através da proximidade amorosa que não julga nem condena, mas sustém, ilumina, conforta e perdoa, na esteira das palavras de Cristo: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mt 11, 28).

14. Nos caminhos do mundo, a Palavra divina gera para nós, cristãos, um encontro intenso com o povo hebraico, ao qual estamos intimamente ligados através do comum reconhecimento e amor pelas Escrituras do Antigo Testamento, e porque de Israel “procede Cristo segundo a carne” (Rm 9, 5). Todas as páginas sagradas hebraicas iluminam o mistério de Deus e do homem, revelando tesouros de reflexão e de moral, delineando o longo itinerário da História da Salvação até ao seu pleno cumprimento, ilustrando com vigor a encarnação da Palavra divina nas vicissitudes humanas. Permitem-nos compreender plenamente a figura de Cristo, que tinha declarado “não ter vindo para abolir a Lei e os Profetas, mas para dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5, 17); são a via do diálogo com o povo da eleição que recebeu de Deus “a adopção de filhos, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas” (Rm 9, 4); e deixam-nos enriquecer a nossa interpretação das Sagradas Escrituras com os recursos fecundos da tradição exegética judaica.

“Bendito seja o egípcio meu povo, o assírio obra das minhas mãos, e Israel minha herança” (Is 19, 25). O Senhor estende, portanto, o manto protector da sua bênção sobre todos os povos da terra, desejoso de que “todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento pleno da verdade” (1 Tm 2, 4). Também nós cristãos, ao longo dos caminhos do mundo, somos convidados - sem cair no sincretismo que confunde e humilha a própria identidade espiritual - a dialogar respeitosamente com os homens e as mulheres de outras religiões, que escutam e praticam fielmente as indicações dos seus livros sagrados, começando pelo Islão que na sua tradição acolhe inumeráveis figuras, símbolos e temas bíblicos, e nos oferece o testemunho de uma fé sincera no Deus único, compassivo e misericordioso, Criador de todo o ser e Juiz da humanidade.

O cristão encontra, além disso, sintonias comuns com as grandes tradições religiosas do Oriente que nos ensinam, nos seus tex-

tos sagrados, o respeito pela vida, a contemplação, o silêncio, a simplicidade, a renúncia, como acontece no Budismo. Ou então, como no Hinduísmo, exaltam o sentido do sagrado, o sacrifício, a peregrinação, o jejum, os símbolos sagrados. Ou que, como no Confucionismo, ensinam a sabedoria e os valores familiares e sociais.

Também às religiões tradicionais, com os seus valores espirituais, expressos nos ritos e nas culturas orais, queremos prestar a nossa cordial atenção e entabular com elas um respeitoso diálogo. A quantos não crêem em Deus, mas se esforçam por “respeitar o direito, amar a bondade e caminhar com humildade” (Mq 6, 8), também com eles devemos trabalhar por um mundo mais justo e pacífico, e oferecer-lhes, em diálogo, o nosso genuíno testemunho da Palavra de Deus, que pode revelar-lhes horizontes novos e mais elevados de verdade e de amor.

15. Na sua Carta aos Artistas (1999), João Paulo II recordava que “a Sagrada Escritura tornou-se numa espécie de «imenso vocabulário» (P. Claudel) e de «Atlas iconográfico» (M. Chagall), do qual auriram a cultura e a arte cristãs” (n. 5). Goethe estava convencido de que o Evangelho era a “língua materna da Europa”. A Bíblia, como agora se costuma dizer, é o “grande código” da cultura universal: os artistas mergulharam idealmente os seus pincéis nesse alfabeto colorido de histórias, símbolos, figuras, que são as páginas bíblicas; os músicos, tem sido em volta dos textos sagrados, sobretudo dos Salmos, que teceram as suas harmonias; os escritores retomaram, durante séculos, aquelas antigas narrações, que se tornavam parábolas existenciais; os poetas interrogaram-se sobre os mistérios do espírito, sobre o infinito, sobre o mal, sobre o amor, sobre a morte e sobre a vida, recolhendo com frequência os frêmitos poéticos que animavam as páginas bíblicas; os pensadores, os homens da ciência e a própria sociedade tinham, não raramente, como referência, ainda que eventualmente por contraste, as concepções espirituais e éticas (pensemos no Decálogo) da Palavra de Deus. Mesmo quando a figura ou a ideia presente nas Escrituras era deformada, reconhecia-se que era imprescindível e constitutiva da nossa civilização.

É por isso que a Bíblia - que nos ensina também a via pulchritudinis, isto é, o percurso da beleza para compreender e chegar até Deus (“cantai Salmos a Deus com toda a arte!”), convida-nos o Sl 47, 8) - é necessária, não só ao crente, mas a todos, para descobrir os significados autênticos das várias expressões culturais e, sobretudo, para reencontrar a nossa própria identidade histórica, civil, humana e espiritual. Está nela a raiz da nossa grandeza e é através dela que podemos apresentar-nos com um nobre património às outras civilizações e culturas, sem nenhum complexo de inferioridade. A Bíblia deveria, pois, ser de todos conhecida e estudada sob este extraordinário perfil de beleza e de fecundidade humana e cultural.

Todavia, a Palavra de Deus - para usar uma significativa imagem paulina - “não está acorrentada” (2 Tm 2, 9) a uma cultura; pelo contrário, aspira a ultrapassar as fronteiras, e justamente o Apóstolo foi um artifice excepcional da inculturação da mensagem bíblica dentro de novas coordenadas culturais. É isso que a Igreja é chamada a fazer também hoje, através de um processo delicado mas necessário, que recebeu um forte impulso do magistério do Papa Bento XVI. Deve fazer penetrar a Palavra de Deus na multiplicidade das culturas e exprimi-la segundo as suas linguagens, as suas concepções, os seus símbolos e as suas tradições religiosas.

Mas deve sempre ser capaz de conservar a genuína substância dos seus conteúdos, vigiando e controlando os riscos de degeneração. A Igreja deve, pois, fazer brilhar os valores que a Palavra de Deus oferece a outras culturas, para que assim sejam purificadas e fecundadas por ela. Como disse João Paulo II ao episcopado do Quênia durante a sua viagem à África em 1980, “a inculturação será realmente um reflexo da encarnação do Verbo, quando uma cultura, transformada e regenerada pelo Evangelho, produz na sua própria tradição expressões originais de vida, de celebração, de pensamento cristão”.

## CONCLUSÃO

“A voz que eu tinha ouvido do céu disse-me: «Toma o livro aberto da mão do anjo ». E o anjo disse-me: «Toma-o e devora-o; encher-te-á as entranhas de amargura, mas na tua boca será doce como o mel». Tomei o livrinho das mãos do anjo e devorei-o; na boca senti-o doce como o mel; mas, quando o engoli, senti nas entranhas toda a amargura” (Ap 10, 8-11).

Irmãos e irmãs de todo o mundo, acolhamos também nós este convite; aproximemo-nos da mesa da Palavra de Deus, de modo a nutrir-nos e a vivermos “não só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca do Senhor” (Dt 8, 3; Mt 4, 4). A Sagrada Escritura - como afirmava uma grande figura da cultura cristã - “tem passagens adequadas para consolar todas as condições humanas e passagens adequadas para intimidar em todas as condições” (B. Pascal, *Pensieri*, n. 532 ed. Brunschvicg).

A Palavra de Deus é, de facto, “mais doce que o mel, mais que um favo destilante” (Sl 19, 11), é “lâmpada para os passos e luz sobre o caminho” (Sl 119, 105); mas é também “como o fogo e como um martelo que tritura a rocha” (Jr 23, 29). É como uma chuva que irriga a terra, a fecunda e a faz germinar, fazendo assim florir também a aridez dos nossos desertos espirituais (cf. Is 55, 10-11). Mas também é “viva, eficaz e mais cortante que toda a espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o espírito, as juntas e as medulas, e discerne os sentimentos e os pensamentos do coração” (Heb 4,12).

O nosso olhar dirige-se com afecto a todos os estudiosos, aos catequistas e aos outros servidores da Palavra de Deus, para exprimir-lhes a nossa mais intensa e cordial gratidão pelo seu precioso e importante ministério. Dirigimo-nos também aos nossos irmãos e às nossas irmãs que são perseguidos ou que são sujeitos à morte por causa da Palavra de Deus e do testemunho que dão do Senhor Jesus (cf. Ap 6, 9). Como testemunhas e mártires contam-nos “a força da Palavra” (Rm 1, 16), origem da sua fé, da sua esperança e do seu amor por Deus e pelos homens.

Façamos agora silêncio para escutar com eficácia a Palavra do Senhor e mantenhamos o silêncio após a escuta, para que ela continue a habitar, a viver em nós e a falar-nos. Façamos com que ela ressoe no princípio do nosso dia, para que Deus tenha a primeira palavra, e deixemo-la retinir à noite, para que a última palavra seja de Deus.

Caros irmãos e irmãs, “saúdam-vos todos aqueles que estão connosco. Saudai todos aqueles que nos amam na fé. A graça esteja com todos vós!” (Tt 3,15).

*Roma, 24 de Outubro de 2008*

# CALENDÁRIO

## SETEMBRO 2010

- 08 – Conselho Episcopal
- 11 – Dia Arquidiocesano do Catequista
- 14-16 – Semana Social (Fátima): «Dar-se de verdade. Para um desenvolvimento solidário»
- 18 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese no Arciprestado de Barcelos
- 21 – Jornada de Formação para o Clero
- 24 – Conselho Económico
- 25 – Encontro Geral dos Catequistas do Arciprestado de Braga
- 18 – Conselho Arquidiocesano da Pastoral de Jovens (CAPJ)

## OUTUBRO 2010

- 01-03 – Retiro para Catequistas do Curso Geral
- 02 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Vieira do Minho
- 02 – Encontro Arciprestal de Catequistas no Arciprestado de Esposende
- 02 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso
- 03 – Dia da Arquidiocese - abertura do Ano Pastoral
- 07 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 10 – Abertura do Ano Escutista – CNE (Póvoa de Lanhoso)
- 12 – Recolecção mensal para o clero (Seminário Conciliar das 9h30 às 14h)
- 13 – Conselho Episcopal
- 15 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» no Arciprestado de Cabeceiras de Basto
- 16 – Formação para os novos Ministros Extraordinários da Comunhão
- 16 – Dia Arquidiocesano do Animador de Pastoral de Jovens
- 17 – Formação para os novos Ministros Extraordinários da Comunhão
- 20 – Conselho de Arciprestes
- 22 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» no Arciprestado de Cabeceiras de Basto
- 23 – Encontro com os Coordenadores Arciprestais de Catequese e Serviços DAC
- 23-24 – Encontro Nacional Pastoral Familiar
- 25 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Vila Nova de Famalicão
- 29 – Conselho Económico
- 29 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» no Arciprestado de Cabeceiras de Basto

## NOVEMBRO 2010

- 04 – Jornada de Formação para o Clero
- 04 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 05-07 – Retiro para Jovens Catequistas promovido pelo Arciprestado de Póvoa de Lanhoso
- 06 – Formação para os ministérios no Centro Paroquial de Barcelinhos (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão)
- 07-14 – Semana dos Seminários
- 10 – Conselho Episcopal
- 12 – Vigília dos Seminários (Seminário Conciliar)
- 13 – Conselho Arquidiocesano Pastoral Familiar
- 13 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso
- 13 – Hi-God (Grupo de Peregrinos)
- 14 – Abertura Solene dos Seminários
- 16 – Conselho Presbiteral
- 15-19 – Retiro para Sacerdotes
- 20 – Formação para os ministérios em Fafe no salão da Matriz (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão)
- 23-27 – Jornadas Nacionais da Pastoral da Saúde
- 25 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» no Arciprestado de Amares

- 26 – Conselho Económico
- 27 – Conselho Arquidiocesano de Pastoral
- 27 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» nas Zonas Pastorais do Arciprestado de Barcelos

#### **DEZEMBRO 2010**

- 01 – II Forum das Instituições Sociais
- 01 – Atelier para as Equipas Arciprestais de Catequese e Serviços DAC
- 02 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 04 – Formação para os ministérios no Centro paroquial de Vila Nova de Famalicão (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão)
- 05 – S. Geraldo, bispo de Braga
- 05 – VIII Festival Nacional da Canção Mensagem - Fátima
- 07 – Recolecção mensal para o clero (Seminário Conciliar das 9h30 às 14h)
- 11 – Festa da Palavra no Arciprestado de Póvoa de Lanhoso, para os catequizandos do 4º volume
- 15 – Conselho Episcopal
- 18 – Formação para os ministérios no Seminário do Verbo Divino (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão).
- 21 – Encontro de Natal do Clero
- 22 – Conselho de Arciprestes

#### **JANEIRO 2011**

- 04 – Recolecção mensal para o clero
- 06 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 08 – Formação para os ministérios no salão paroquial das Caxinas (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão)
- 08 – Dia Arquidiocesano das Equipas de Coordenação Paroquial e Arciprestal de Catequese
- 12 – Conselho Episcopal
- 14-16 – Retiro para Catequistas promovido pelo Arciprestado de Póvoa de Lanhoso
- 15 – Encontro de Coordenadores da Equipa Arciprestal de Catequese de Vieira do Minho
- 19 – Conselho de Arciprestes
- 17-21 – Retiro para Sacerdotes
- 22 – Formação para os ministérios em lugar a determinar em Braga (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão)
- 23 – Instituição no Ministério do Acolitado
- 28 – Conselho Económico
- 29 – Conselho Arquidiocesano da Pastoral de Jovens (CAPJ)

#### **FEVEREIRO 2011**

- 03 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 06 – Formação para os ministérios, em lugar a determinar em Braga (com recondução de Ministros Extraordinários da Comunhão)
- 08 – Recolecção mensal para o clero (Seminário Conciliar das 9h30 às 18h)
- 09 – Conselho Episcopal
- 11 – Dia Mundial do Doente
- 12 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Vila Nova de Famalicão
- 15-17 – Semana de Estudos Teológicos
- 19 – Encontro com os Coordenadores Arciprestais de Catequese e Serviços DAC
- 25 – Conselho Económico
- 26 – Conselho Arquidiocesano de Pastoral
- 26 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso

#### **MARÇO 2011**

- 03 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 09 – Conselho Episcopal
- 12 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» nas Zonas Pastorais do Arciprestado de Barcelos
- 16 – Conselho de Arciprestes

- 19 – Conselho Arquidiocesano Pastoral Familiar
- 22 – Recolecção mensal para o clero (Seminário Conciliar das 9h30 às 14h)
- 24 – Encontros de Catequistas sobre a «Lectio Divina» no Arciprestado de Amares
- 25 – Conselho Económico
- 25-27 – Retiro para Catequistas promovido pelo Arciprestado de Cabeceiras de Basto
- 27 – Dia da Caritas

#### **ABRIL 2011**

- 02 – Dia Arciprestal do Catequista em Amares
- 07 – SerAC - Serões à Conversa, com D. António Couto (Magis)
- 09 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Vieira do Minho
- 13 – Conselho Episcopal
- 15-24 – Campo de Férias em Braga (Semana Santa) Juventude Hospitaleira (JH)
- 16 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso
- 19 – 6º Aniversário da tomada de posse do Papa Bento XVI
- 24 – Domingo de Páscoa
- 29 – Conselho Económico
- 30 – Encontro anual das Equipas Arciprestal de Catequese e Serviços do DAC

#### **MAIO 2011**

- 01 – Encontro de todos os membros das Equipas Arciprestais de Catequese
- 01 – Dia Nacional do Acólito (em Fátima)
- 07 – Dia Arciprestal do Catequista em Cabeceiras de Basto
- 07 – Dia Arquidiocesano da Juventude
- 07-08 – Fátima Jovem
- 08-15 – XLVIII Semana de Oração pelas Vocações Consagradas
- 09 – Recolecção mensal para o clero (Seminário Conciliar das 9h30 às 14h)
- 11 – Conselho Episcopal
- 14 – Dia Arciprestal do Catequista na Póvoa de Lanhoso
- 14 – Dia Arquidiocesano da Família
- 15 – Dia Internacional da Família
- 17 – Conselho Presbiteral
- 18 – Conselho de Arciprestes
- 20 – Noite Up's – GP (Grupo de Peregrinos)
- 21 – Dia Arciprestal do Catequista em Vieira do Minho
- 27 – Conselho Económico
- 28 – Conselho Arquidiocesano de Pastoral

#### **JUNHO 2011**

- 4 – Encontro de Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Barcelos
- 08 – Conselho Episcopal
- 11 – Encontro de todos os Movimentos
- 12 – Solenidade de Pentecostes
- 17 – Encontro de avaliação dos Coordenadores Paroquiais de Catequese do Arciprestado de Vila Nova de Famalicão
- 18 – Encontro com os Coordenadores Arciprestais de Catequese e Serviços DAC
- 24 – Conselho Económico
- 25 – Conselho Arquidiocesano da Pastoral de Jovens (CAPJ)

#### **JULHO 2011**

- 02 – Encontro Arciprestal, na Póvoa de Lanhoso, de Coordenadores de Avaliação e Programação do próximo ano pastoral
- 02-03 – Missão Jovem 2011 (Combonianos, Vila Nova de Famalicão)
- 4-8 – Retiro para Sacerdotes
- 09 – Encontro da Equipas Arciprestal de Catequese de Vieira do Minho
- 13 – Conselho Episcopal
- 17 – Ordenação de presbíteros
- 18 – Aniversário da tomada de posse do Arcebispo D. Jorge Ortiga

18 a 22 – Reunião de revisão e programação do próximo ano pastoral.

20-28 – Campo de Férias em Braga - Juventude Hospitaleira (JH)

28 Jul-04 Ago – Campo de Férias em Barcelos - Juventude Hospitaleira (JH)

29 – Conselho Económico

### **AGOSTO 2011**

10-14 – Pré-Jornadas para a Jornada Mundial da Juventude (Braga e Segóvia)

14-21 – Jornada Mundial da Juventude (Madrid)

### **SETEMBRO 2011**

10 – Dia Arquidiocesano do Catequista

# **Peregrinações na Arquidiocese de Braga > 2011**

## **AMARES**

**Nª Sª da Abadia** [Sta Maria de Bouro] – **29 de Maio**

## **BARCELOS**

**Nª Sª do Facho** [Oliveira] - **3 de Julho**

**Nª Sª da Boa Fé** [S. João de Bastuço] – **10 de Julho**

**Nª Sª do Socorro** [Areias de Vilar] - **7 de Agosto**

**Nª Sª da Franqueira** [Pereira] - **14 de Agosto**

**Nª Sª da Aparecida** [Balugães] - **15 de Agosto**

## **BRAGA**

**Bom Jesus do Monte** [Tenões] - **20 de Março**

**Nª Sª do Sameiro** [Espinho] - **5 de Junho e 21 de Agosto**

**Santa Marta** [Nogueira / Esporões] - **29 de Julho**

## **CELORICO DE BASTO**

**Nª Sª do Viso** [Caçarilhe] - **11 de Setembro**

## **ESPOSENDE**

**Nª Sª da Guia** [Belinho] - **15 de Maio**

## **FAFE**

**Nª Sª de Antime** [Antime] - **10 de Julho**

**Nª Sª das Neves** [Aboim/Várzea Cova] - **26 e 28 de Agosto**

## **GUIMARÃES / VIZELA**

**Lapinha** [Calvos] - **29 de Maio** / Ronda - **19 de Junho**

**São Torcato** [S. Torcato] - **3 de Julho**

**São Bento das Peras** [Vizela] - **17 de Julho**

**Santa Maria Madalena** [Longos - Sta Cristina] - **29 de Julho**

**Nª Sª do Carmo da Penha** [Costa] - **11 de Setembro**

## **PÓVOA DE LANHOSO**

**Nª Sª do Pilar** [Nª Sª do Amparo] - **22 de Maio**

**Nª Sª do Porto de Ave** [Taíde] - **4 de Setembro**

## **TERRAS DE BOURO**

**São Bento da Porta Aberta** [Rio Caldo] - **20 de Março, 11 de Julho, 10 a 15 de Agosto**

**Sagrado Coração de Jesus** [Carvalheira] - **3 de Julho**

## **VIEIRADO MINHO**

**Nª Sª da Fé** [Cantelães] - **5 de Junho**

## **VILA DO CONDE / PÓVOA DE VARZIM**

**Nª Sª da Saúde** [Laundos] - **29 de Maio**

**Beata Alexandrina** [Balazar] - **25 de Abril e 13 de Outubro**

## **VILA NOVA DE FAMALICÃO**

**Nª Sª do Carmo** [Lemenhe] - **17 de Julho**

## **VILA VERDE**

**Nª Sª do Bom Despacho** [Cervães] - **5 de Junho**

**Nª Sª do Alívio** [Soutelo] - **18 de Setembro**

## **PROPOSTAS DE FORMAÇÃO**

Formação de extensão universitária, na Faculdade de Teologia:

**1. Curso Teológico-Pastoral.** Introdução aos temas essenciais da teologia para leigos e religiosos. Seis semestres, com 3 Unidades Curriculares por semestre. Funciona à sexta-feira à noite e ao sábado de manhã. Possibilidade de extensão aos arceprestados.

- 2. Curso Teologia Revisitada.** Formação permanente avançada para sacerdotes ou leigos formados em Teologia. Uma Unidade Curricular por semestre. Funciona às terças-feiras, das 10h30 às 12h30. Ano Lectivo 2010-2011: 1º Semestre - «Leituras da Escritura» com D. António Couto; 2º Semestre - «Património Religioso e Pastoral», com Prof. Doutor José Paulo Abreu.
  - 3. Curso de Introdução à Catequética.** Formação avançada de formadores de catequistas. Dois semestres, com 3 Unidades Curriculares por semestre. Em horário a combinar com os alunos.
  - 4. Curso de Administração Paroquial.** Formação de funcionários para os cartórios paroquiais. Quatro semestres, com 3 Unidades Curriculares cada. Em horário a combinar com os alunos.
  - 5. Curso Cristianismo Social.** Formação Cristã para funcionários de Centros Sociais e Paroquiais. Três semestres, com 3 Unidades Curriculares cada um. Em horário a combinar com os alunos.
  - 6. Curso Vida em Família.** Formação teológico-pedagógica sobre a família. Uma Unidade Curricular por semestre. Em horário a combinar com os alunos. Possibilidade de extensão aos Arceprestados.
  - 7. Semana de Estudos Teológicos.** A realizar em Janeiro. Tema previsto para 2011: “Cristianismo e afectividade”.
  - 8. Alunos ouvintes.** Todas as Unidades Curriculares dos cursos superiores de Teologia e Ciências Religiosas podem ser frequentadas como ouvinte, sem quaisquer pressupostos de ingresso.
  - 9. Cursos livres.** - Cursos ou conferências esporádicas, a anunciar oportunamente. Consultar: [www.facteo.braga.ucp.pt](http://www.facteo.braga.ucp.pt)
- Para informações mais pormenorizadas, contactar a secretaria da Faculdade: 253 206 111 ou [teo@braga.ucp.pt](mailto:teo@braga.ucp.pt)



